



EM BUSCA DA FEIÇÃO REAL: PARATEXTOS E TEXTO VERBO-VISUAL NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA DE UM CONTO DE FADA MODERNO SUL-COREANO

FINDING THE REAL FACE: PARATEXTS AND VERBAL-VISUAL TEXT IN THE NARRATIVE CONSTRUCTION OF A MODERN SOUTH KOREAN FAIRY TALE

Jocília Oliveira da Silva¹

Graça Maria Teixeira da Silva²

RESUMO

A literatura infantil e juvenil contemporânea caracterizada pela integração entre palavra e imagem e pela valorização da materialidade do livro como elemento constitutivo da leitura. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo geral analisar o livro pela editora Intrínseca no Brasil em 2021: *Em busca da feição real* (*Finding the real face*), um conto de fada moderno sul-coreano de Jo Yong, ilustrado por Jam San, a partir das relações verbo-visuais e de seu projeto gráfico, compreendendo de que modo tais elementos contribuem para a construção de sentidos. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com abordagem analítico-interpretativa, fundamentada em aportes teóricos sobre literatura infantil e juvenil, livro ilustrado e estudos da interação verbo-visual, através de Coelho (2012); Colomer (2017); Genette (2009); Girão, Cardoso (2018); Im, Girão, Balieiro (2022); Linden (2018); Ramos (2020); Salisbury, Styles (2013). A narrativa acompanha três crianças que, após terem seus rostos roubados por uma bruxa, passam a viver escondidas sob máscaras, até decidirem empreender uma jornada em busca de suas identidades. Como resultados, observa-se que a obra se insere em um intercâmbio cultural que valoriza o ilustrador autoral e uma visualidade marcada pelo simbolismo poético. Conclui-se que *Em busca da feição real* evidencia o caráter dialógico do livro ilustrado, no qual texto e imagem estabelecem relações de complementaridade, tensão e ampliação de sentidos. Assim, o livro ilustrado consolida-se como um espaço privilegiado de experimentação estética, sensível e formativa.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil; Livro ilustrado; Verbo-visualidade; Materialidade do livro.

ABSTRACT

Contemporary children's and young adult literature is characterized by the integration of word and image and by the appreciation of the materiality of the book as a constitutive element of reading. Within this context, this study has as its general objective the analysis of the book *Em busca da feição real* (*Finding the real face*), published in Brazil by Intrínseca in 2021, a modern South Korean fairy tale by Jo Yong, illustrated by Jam San, based on its verbal-visual relations and graphic design, in order to understand how these elements contribute to meaning-making. The methodology adopted is qualitative in nature, with an analytical-interpretative approach, grounded in theoretical contributions to children's and young adult literature, picturebooks, and studies of verbal-visual interaction, drawing on Coelho (2012), Colomer (2017), Genette (2009), Girão and Cardoso (2018), Im, Girão, and Balieiro (2022), Linden (2018), Ramos (2020), and Salisbury and Styles (2013). The narrative follows three children who, after having their faces stolen by a witch, begin to live hidden behind masks until they decide to embark on a journey in search of their identities. As results, it is observed that the work is situated within a cultural exchange that values the author-illustrator and a visuality marked by poetic symbolism. It is concluded that *Em busca da feição real* highlights the dialogic nature of the picturebook, in which text

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia. E-mail: jociliaoliveira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5529-6309>.

² Docente da Universidade Federal do Acre. E-mail: gteixeira1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4996-7698>.

and image establish relationships of complementarity, tension, and expansion of meaning. Thus, the picturebook is consolidated as a privileged space for aesthetic, sensitive, and formative experimentation. **Keywords:** Children's and Young Adult Literature; Picturebook; Verbal-Visuality; Book Materiality.

1. INTRODUÇÃO

A literatura infantil e juvenil contemporânea constitui-se como um campo complexo e multifacetado de investigação gerado pelas transformações culturais e artísticas que impulsionam a criatividade de escritores e acionam o olhar de leitores atentos às inovações da palavra e da imagem. Através de suas materialidades, as obras, que também agradam ao leitor de qualquer idade, extrapolam funções de entretenimento ou pedagógicas, pois revelam profundas camadas de construção estética verbal e visual.

Trata-se de uma literatura que prevê a atuação dinâmica de leitores capazes de apreender o diálogo entre texto e imagem “[...] em como dizem e como representam, ou seja, no plano da expressão literária e plástica” (Colomer, 2017, p. 270). É com essa configuração que a obra sul-coreana *Em busca da feição real*, de autoria de Jo Yong e com ilustrações de Jam San, publicada em 2021 pela editora brasileira Intrínseca, revela-se ao leitor, possibilitando-lhe caminhos de apreensão pelas densas camadas de significados, convocando experiências sensíveis de leitura que envolvem percepção, memória, imaginação e afetividade.

O enredo do livro *Em busca da feição real* traz a história de três crianças que vivem em um castelo escondido no meio da floresta. Os três protagonistas tiveram suas verdadeiras faces roubadas pela Bruxa Sombria e, por isso, utilizam máscaras: os dois meninos mantêm os rostos cobertos, enquanto a garota possui uma cobertura de lata sobre o corpo. Certo dia, decidem recuperar suas feições perdidas, iniciando uma aventura marcada por obstáculos e encontros inesperados, inclusive, com as verdades que se revelam quando se deixa o castelo para trás, em busca de identidade e aceitação.

A obra nasce, paradoxalmente, de um universo ficcional, concebida inicialmente como objeto diegético no K-drama *Tudo bem não ser normal* (Netflix, 2020). O livro infantil e juvenil escrito pela personagem fictícia na minissérie, Ko Moon-young, torna-se na realidade um produto concreto nas livrarias e nos lares dos espectadores.

2. A VISUALIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO LIVRO INFANTIL E JUVENIL *EM BUSCA DA FEIÇÃO REAL*: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A compreensão da visualidade no livro infantil e juvenil exige sua inserção em um contexto mais amplo de circulação cultural e produção editorial. Nesse sentido, a construção de sentidos nas obras ilustradas não se limita aos aspectos internos da narrativa, mas também dialoga com movimentos de intercâmbio entre diferentes tradições estéticas e literárias. Ao considerar a inserção e a expansão da literatura sul-coreana no cenário brasileiro, observa-se uma contribuição significativa para a diversidade de formas visuais e narrativas que atravessam obras como *Em busca da feição real*.

2.1 Disseminação da cultura coreana

Sobre a expansão da literatura sul-coreana ilustrada infantil e juvenil para outros países, Im, Girão e Balieiro (2022, p. 422) afirmam, “[...] o primeiro contato dos leitores brasileiros com obras produzidas na Coreia ocorreu em 1985, com a publicação da coletânea Contos coreanos, pela editora GRD/Rio-Arte”. Eles trazem a quantidade, mostrando como cresceu o número de obras traduzidas, daquele momento até a atualidade: “[...] 73 títulos infantis vindos da Coreia foram publicados no Brasil em mais ou menos 10 anos: 25 traduções diretas, 44 traduções indiretas e 3 livros-imagem” (Im; Girão; Balieiro, 2022, p. 422). Esse movimento evidencia um crescente intercâmbio literário e cultural entre Brasil e Coreia, impulsionado pela curiosidade estética e pela expansão do mercado de livros ilustrados.

O aspecto de complementaridade, perceptível em publicações coreanas dos anos 1980, evidencia o caráter dialógico típico do livro ilustrado, no qual palavra e imagem não apenas coexistem, mas interagem em um “tipo de vínculo texto-imagem”, “com suas relações de redundância, complementaridade ou contradição” (Linden, 2018, p. 58-59). O leitor é convidado não apenas a decifrar o texto verbal, mas também a explorar pistas visuais que enriquecem ou até subvertem o que está escrito, estimulando diferentes níveis de compreensão e interpretação, como Linden explica:

[...] Ler um livro ilustrado é também apreciar o uso de um formato, de enquadramentos, da relação entre capa e guardas com seu conteúdo; é também associar representações, optar por uma ordem de leitura no espaço da página, afinar a poesia do texto com a poesia da imagem, apreciar os silêncios de uma em relação à outra... (Linden, 2018, p. 8-9).

Linden (2018) explica como funciona essa interação entre linguagem verbal e visual. Primeiro

ela propõe que existe a prioridade em uma das duas linguagens na obra literária ilustrada:

[...] No livro ilustrado, é possível definir uma regra a priori. Cada obra propõe um início de leitura quer por meio do texto, quer da imagem, e tanto um como outro pode sustentar majoritariamente a narrativa. (Linden, 2018, p. 121).

Nesse sentido, a autora emprega os termos “instância prioritária” e “instância secundária”, que se alternam conforme o texto verbal ou o texto visual desempenha a “prioridade” da obra. Para identificar a “primazia” será necessário verificar “a organização da página dupla e as modalidades da narrativa”, bem como, a diagramação em “um papel primordial na apreensão prioritária”, e “se essa imagem ocupa o espaço mais importante e se situa acima do texto, sua disposição e apresentação influirão também na apreensão” (Linden, 2018, p. 121).

Ao ocupar a instância prioritária, o texto verbal conduzirá a narrativa principal, enquanto as imagens terão função completiva ou complementar, oferecendo dados adicionais, preenchendo lacunas e enriquecendo a leitura. Como explica Linden (2018), essa relação é dinâmica, embora a parte escrita prevaleça como portador da história, a imagem intervém para confirmar, complementar e expandir ou até mesmo reconfigurar o sentido do texto escrito, funcionando como um aporte indispensável para o entendimento global. Ainda sobre a função completiva da ilustração em relação ao texto verbal, Linden (2018) estabelece que:

Quando a segunda expressão intervém sobre a prioritária, pode dar ensejo ao entendimento de um sentido global. Uma completa a outra, fornece informações que lhe faltam, preenche suas lacunas ou “brancos”, constituindo um aporte indispensável para a compreensão do conjunto [...] (Linden, 2018, p. 124).

Assim, o texto escrito pode trazer um aporte determinante à significação do conjunto, transcrevendo os diálogos ligados a uma cena figurada pela imagem. O trabalho de colaboração se torna ainda mais eficiente pelo fato de a imagem não necessariamente se deter a mostrar personagens dialogando. A função complementar fica evidente em livros que se valem de alusões intertextuais a contos de fadas clássicos e antigos, pois as imagens podem retomar símbolos e cenários desses universos narrativos conhecidos, enriquecendo o sentido que a escrita sugere.

Através da densidade estética de suas materialidades, o leitor tem acesso a uma literatura que explora a sua imaginação e o impulsiona a uma atuação dinâmica no ato de apreensão da obra. Cada elemento de composição, projeto gráfico, palavras, imagens, é revestido de camadas de significados desveladas mediante as possíveis relações dialógicas e intertextuais instauradas entre leitor e obra. Girão e Cardoso (2018) explanam sobre o movimento da literatura ilustrada

que:

[...] podemos apontar um refinamento e trato cada vez mais concreto à essência do texto verbal, onde a palavra, enquanto elemento constitutivo do texto literário infantil, deixa aberto espaço de criação suficiente para a entrada do texto visual, que; por sua vez, também passou por mudanças e libertações do seu caráter de ilustração e representação plástica de algumas cenas daquilo que está proposto desde o título na capa do livro; este último, agora, potencializando toda a intermedialidade do suporte ao denunciar sua materialidade enquanto infinitude de criação dentro de uma finitude formal (Girão; Cardoso, 2018, p. 119).

Girão e Cardoso (2018), nesse trecho, evidenciam que o texto verbal deixou de ocupar sozinho o centro da narrativa, abrindo espaço para o texto visual participar ativamente da construção de sentido. Ao mesmo tempo, a imagem também se libertou da função meramente ilustrativa, ou seja, de apenas “mostrar” o que o texto verbal já dizia, pois o livro em si, seu formato, capa, páginas e estrutura material, se tornou parte essencial da experiência artística, expressando a ideia de que o suporte físico pode ser finito, mas o potencial criativo que ele permite é infinito e intermedial (resultado da interação entre palavra, imagem e materialidade).

Segundo Girão e Cardoso (2018), a literatura infantil e juvenil contemporânea, especialmente em suas formas híbridas e visuais, vem passando por um processo de refinamento intermedial, no qual palavra, imagem e suporte físico do livro interagem de maneira integrada e criativa. A intermedialidade, nesse contexto, refere-se ao diálogo entre diferentes mídias dentro de uma mesma obra, o verbal, o visual e o material, que se cruzam para gerar novas camadas de sentido.

Os autores observam que o texto verbal já não domina o processo narrativo: ele se torna mais aberto, mais poroso, permitindo que a imagem participe ativamente da construção simbólica e estética. Por sua vez, o texto visual deixa de ser um mero complemento ilustrativo, emancipando-se da função de representar literalmente o que está escrito. Ele ganha autonomia poética, podendo sugerir, contradizer, ampliar ou até silenciar a palavra.

Esse entrelaçamento de linguagens faz com que a obra funcione como um sistema de sentidos múltiplos, no qual o leitor é convidado a perceber, sentir e interpretar de modo sinestésico. Assim, o verbal abre espaço para o visual, e este, por sua vez, liberta-se do papel secundário de ilustração para assumir função narrativa e simbólica, ampliando as possibilidades interpretativas do leitor.

Essa concepção encontra eco direto na obra *Em busca da feição real*, cuja poética visual e verbal articula-se por meio dessa tensão intermedial. A obra de Jo Yong e Jam San não se limita a narrar uma história por palavras, ela encena visualmente a reconstrução da identidade das personagens e materializa os conflitos internos através de composições gráficas, cores e

enquadramentos que dialogam com o texto. As imagens não ilustram o enredo, mas o complementam e o contradizem, instaurando processo de sentido, com cada página, borda e enquadramento evidenciando a consciência de que o suporte é também linguagem.

Desse modo, a obra representa uma forma de literatura transversal e intermidial, em que palavra e imagem se tornam complementares na criação de uma experiência estética e afetiva. Jo Yong e Jam San exploram a visualidade e a disposição gráfica como camadas simbólicas da narração, revelando que a “feição real” não é apenas tema, mas também forma, gerando uma busca por unidade entre linguagens, mídias e sensibilidades.

2.2 Projeto gráfico e materialidade da obra

Em busca da feição real tem em seu projeto gráfico, um livro com formato retangular, de capa dura, com a maior parte das ilustrações ocupando páginas duplas. Sua composição é marcada pela retomada de elementos universais dos contos de fadas, como máscaras, bruxas, florestas sombrias, que ecoam mitos ancestrais presentes em todas as culturas. Essa materialidade gráfica não apenas amplia a experiência literária, mas também prepara o terreno para o leitor compreender como o livro extrapola sua condição de objeto impresso.

Figura 1 – As crianças fazem travessuras com travesseiros na obra *Em busca da feição real*



Fonte: Yong, 2021, n. p.

Linden (2018, p. 122) observa que “cada obra propõe um início de leitura quer por meio do texto, quer da imagem, e tanto um como outro pode sustentar majoritariamente a narrativa”, sendo que a disposição espacial dos elementos na página influenciam essa percepção de prioridade. A interação entre palavra e imagem pode se estruturar por uma dinâmica de

“vaivém”, em que o leitor transita de um ao outro, mas reconhece no texto, o principal veículo do enredo quando é este que estabelece a sequência narrativa (Linden, 2018, p. 122).

Nesse diálogo entre palavra e figura, é possível observar que, mesmo quando a ilustração não ocupa a instância narrativa dominante, a imagem não se limita a ilustrar o já dito, mas pode revelar sentidos ocultos e tensões simbólicas (Fig. 1). Na obra *Em busca da feição real*, essa característica é expressa na página em que há a figura das crianças realizando travessuras com travesseiros que soltam penas (dispostas no decorrer da página). Uma informação que é interpretada através das imagens e não, de forma precisa, através do texto escrito.

É o que se verifica na proposta de Ramos (2020), ao analisar como, nas versões ilustradas de contos de fadas, a imagem ultrapassa a função complementar para denunciar visualmente dimensões inconscientes e desejanças que o texto verbal apenas sugere:

Se o texto do conto de fadas traz inclusive ensinamento moral ao final da história, sendo relato sobre a quebra da confiança e o perigo de entabular conversa com desconhecidos, as ilustrações de Doré denunciam, por alegoria, todo o universo de desejo do lobo pela garotinha. É sobre esse descontrole bestial que fala o livro. Por isso, não aprecio versões ditas politicamente corretas que transformam a história em algo pacificador, com ilustrações em que a imagem do lobo não denuncia a fome que sente (Ramos, 2020, p. 18).

Ramos reconhece que o texto tradicional do conto de fadas (por exemplo, nas versões de Perrault ou dos Irmãos Grimm) costuma encerrar-se com um ensinamento moral, um tipo de advertência ao leitor, seja “não confie em estranhos” ou “a desobediência pode trazer consequências”. Esse aspecto moralizante pode ser explícito e educativo, funcionando como uma lição de conduta. Ao contrário do texto, as ilustrações de Gustave Doré (um famoso ilustrador francês do século XIX) não se limitam a representar o “perigo moral”. Elas aprofundam o sentido simbólico e inconsciente da história, revelando, de forma alegórica e perturbadora, o desejo do lobo pela menina.

Então, Doré traduz visualmente o que está implicado, mas não dito no texto verbal, o desejo bestial e a tensão entre inocência e perigo. O ilustrador não apenas descreve, mas sugere o desejo e a bestialidade do lobo, criando camadas simbólicas além do texto.

O núcleo simbólico do conto está nesse conflito entre desejo e repressão, entre animalidade e civilização, indo além da moral da obediência. O verdadeiro poder do conto de fadas está em lidar com o desejo, o medo e o perigo, não em apagá-los. Por isso, ele critica as versões modernas “politicamente corretas”, porque eliminam justamente o poder simbólico e formativo do conto. Versões suavizadas empobrecem a experiência simbólica e estética da narrativa.

Além disso, Salisbury e Styles (2013) destacam que, em um contexto cultural cada vez mais visual, é fundamental que as crianças desenvolvam a capacidade de ler, apreciar e interpretar o material visual, habilidades essas que os livros ilustrados naturalmente promovem. Eles funcionam, assim, como “aulas de observação e avaliação de textos visuais”, convidando o leitor a reconhecer não apenas o que é contado verbalmente, mas também o que é sugerido ou ampliado pela imagem, inclusive em suas ressonâncias intertextuais com narrativas tradicionais. Dessa forma, mesmo quando a escrita detém a primazia narrativa, a ilustração cria um espaço rico de sentidos, que se expande para além da palavra e dialoga com a memória coletiva dos contos de fadas, expansão que ocorre com a obra *Em busca da feição real*.

A maneira como o texto verbal se relaciona com o visual pode seguir caminhos variados. Em muitos livros ilustrados, a palavra fica fora da imagem (acima, abaixo ou ao lado) interferindo diretamente na forma como se lê a imagem. Quando fala especificamente das imagens, Ramos (2020, p. 146) lembra que não é a quantidade de ilustrações que dá valor a um livro, mas a função que elas desempenham na narrativa. As imagens podem reiterar, contrariar, expandir ou sugerir sentidos em relação ao que está escrito. Elas enriquecem a obra quando usam de forma expressiva linhas, cores e formas, criando ritmos visuais que estruturam a narrativa.

Figura 2 – As duas primeiras páginas da história de *Em busca da feição real*



Fonte: Yong, 2021, n. p.

Outro elemento significativo diz respeito à disposição das imagens no espaço da página. De acordo com Ramos (2011), as ilustrações localizadas em páginas ímpares apresentam maior potencial de destaque visual em comparação às situadas em páginas pares. Como a obra não apresenta numeração de páginas, em uma escolha que contribui para a imersão do leitor na narrativa, opta-se por identificar essas páginas pela sua posição física no livro, correspondendo ao lado direito da dupla página aberta (Fig. 2). Além disso, imagens posicionadas acima do eixo central da página tendem a captar mais intensamente o olhar do leitor do que aquelas inseridas

na porção inferior.

No universo infantil e juvenil, o projeto gráfico, a disposição das ilustrações, a tipografia e até o formato do livro são recursos essenciais não apenas para atrair a atenção do pequeno leitor, mas também para favorecer sua compreensão e engajamento com a narrativa. Ao discutir os elementos que cercam o texto literário, Genette (2009) amplia o conceito de paratexto ao descrevê-lo como uma zona de contato com o leitor que, embora não faça parte do conteúdo propriamente dito, influencia diretamente a leitura. Ele afirma:

[...] Assim, para nós tudo o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e, de maneira mais geral, ao público. Mais do que um limite ou uma fronteira estanque, trata-se aqui de um *limiar*, ou — expressão de Borges ao falar de um prefácio — de um “vestíbulo”, que oferece a cada um a possibilidade de entrar ou de retroceder. “Zona indecisa” entre o dentro e fora, sem limite rigoroso, nem para o interior (o texto) nem para o exterior (o discurso do mundo sobre o texto) [...] (Genette, 2009, p. 9-10).

Essa perspectiva é especialmente relevante no caso do livro infantil e juvenil, no qual os elementos paratextuais, como capa, contracapa, título, dedicatória e ilustrações de entrada, desempenham um papel ativo na construção de sentido e no convite à leitura. Complementando essa noção de limiar entre texto e leitor, Linden (2014) enfatiza a função estratégica da capa como elemento inicial de mediação entre obra e público. Segundo Linden, tudo inicia com a capa:

[...] a capa constitui antes de mais nada um dos espaços determinantes em que se estabelece o pacto da leitura. Ela transmite informações que permitem apreender o tipo de discurso, o estilo de ilustração, o gênero... situando assim o leitor numa certa expectativa. Tais indicações podem tanto introduzir o leitor ao conteúdo como levá-lo para uma pista falsa. A capa de um livro é constituída pela primeira e pela quarta capas (Linden, 2014, p. 57).

A capa de um livro, nesse contexto, não apenas comunica aspectos formais e estéticos da obra, mas também antecipa expectativas sobre o conteúdo e contribui para a construção do contrato de leitura, aspecto essencial quando se considera o leitor infantil e juvenil, cuja recepção visual é muitas vezes prioritária em relação ao texto verbal.

Os contos tradicionalmente transmitidos de forma oral e posteriormente consolidados na literatura escrita, sempre exerceram um papel crucial na formação do imaginário coletivo, oferecendo estruturas narrativas arquetípicas e metáforas universais. No entanto, na contemporaneidade, essas histórias têm ultrapassado as fronteiras do livro para se expandirem em múltiplas plataformas, dando origem a universos narrativos complexos. Sobre a importância

dos contos de fadas, Nelly Novaes Coelho (2012) ressalta:

[...] É nesse limiar ou nessa fronteira que se situa o papel formador desses livros antigos. Portanto, longe de serem vistos como algo superado ou mero entretenimento infantil, precisam urgentemente ser redescobertos como fonte de conhecimento de vida. E, nesse sentido, descobertos como auxiliares fundos na formação da mente dos novos, dos “mutantes” que já estão chegando e precisam ser preparados para atuar no amanhã, que está sendo semeado no hoje... (Coelho, 2012, p. 17).

Quando os contos de fadas são reimaginados e recontados ao longo do tempo, ido reitera a capacidade de transformação e reinterpretação, tornaram-se peças-chave na cultura popular, influenciando livros, filmes, séries e outras formas de expressão artística, oferecendo leituras tanto clássicas quanto inovadoras. Consequentemente, por meio de uma estrutura narrativa que serve à adaptação para diferentes mídias, as revisitações evoluíram no decorrer dos anos para refletir as preocupações de cada época.

Ao transitar entre diferentes mídias, as histórias podem ser adaptadas para atender a distintos públicos, desde crianças até adultos que cresceram com esses contos e continuam a apreciá-los sob novas perspectivas. Essa característica reforça o conceito de que a literatura não tem idade, pois as narrativas podem ser revisitadas em diferentes momentos da vida, adquirindo novas interpretações.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, uma vez que busca compreender e interpretar aspectos simbólicos, estéticos e narrativos presentes nas obras analisadas, privilegiando a interpretação de sentidos em vez de mensurações numéricas. Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, pois procura aprofundar a compreensão das relações intertextuais presentes na literatura infantil, especialmente no diálogo entre texto verbal e imagem, bem como descrever os elementos narrativos e visuais que compõem a obra analisada.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, o estudo baseia-se principalmente em pesquisa bibliográfica e análise documental. A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de obras teóricas e críticas sobre literatura infantil, intertextualidade, narrativa e ilustração, incluindo autores relevantes da área dos estudos literários e da literatura infantil. A análise documental concentra-se nas próprias obras literárias selecionadas, consideradas como documentos culturais e artísticos que expressam determinados modos de construção narrativa

e visual.

Para a análise dos dados, adotou-se a análise de conteúdo de caráter interpretativo, orientada por referenciais teóricos da literatura infantil, da narratologia e dos estudos da imagem. No caso da obra *Em busca da feição real*, a análise considera também as invariantes narrativas propostas por Nelly Novaes Coelho. Esses elementos são interpretados à luz de sua dimensão simbólica e formativa, especialmente no que se refere à construção da identidade e ao percurso de formação do personagem. A pesquisa foi desenvolvida no contexto acadêmico do curso de pós-graduação ao qual o estudo está vinculado, sendo realizada ao longo do período de elaboração da dissertação no ano de 2025.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das composições visuais evidencia que a paleta cromática adotada não apenas acompanha os conflitos internos dos personagens, mas também atua como elemento narrativo que orienta a leitura sensível da obra. Observa-se que a redução da saturação cromática e o uso predominante de tons terrosos e neutros constroem uma atmosfera introspectiva, favorecendo uma experiência estética mais contemplativa. Esse dado confirma que, na literatura infantil contemporânea, a imagem deixa de ocupar um papel meramente ilustrativo e passa a assumir função semiótica e discursiva, conforme apontam estudos sobre a visualidade na narrativa.

Além disso, os resultados indicam que a relação entre texto e imagem se estabelece de forma interdependente, exigindo do leitor uma postura ativa na construção de sentidos. Em diversos momentos, a imagem não reitera o texto verbal, mas o amplia ou tensiona, criando lacunas interpretativas que convocam a imaginação do leitor. Tal característica dialoga com perspectivas teóricas que compreendem o livro ilustrado como um espaço de múltiplas camadas de significação, no qual o não dito e o sugerido possuem papel fundamental na constituição da narrativa.

No que se refere à recepção, infere-se que a escolha estética contribui para a ampliação do público leitor, uma vez que diferentes faixas etárias podem acessar a obra a partir de níveis distintos de leitura. Enquanto o público infantil pode se aproximar pelas imagens e pela atmosfera emocional, o leitor adulto tende a apreender com maior profundidade os aspectos simbólicos e psicológicos presentes na composição visual. Esse resultado reforça a concepção de literatura infantil como arte sem delimitação etária rígida, corroborando autores que defendem seu caráter universal e polissêmico.

Entretanto, é importante considerar que a sutileza estética e a complexidade simbólica identificadas podem representar um desafio para leitores em formação, especialmente aqueles com pouca mediação leitora. Essa limitação aponta para a necessidade de práticas de leitura orientadas, nas quais o mediador desempenha papel fundamental na exploração dos elementos visuais e na construção de sentidos. Assim, os achados deste estudo não apenas evidenciam a riqueza estética da obra analisada, mas também sugerem implicações para a formação do leitor literário.

Em busca da feição real permite focar em questões profundas por meio da literatura infantil e juvenil, pela presença de temas universais que dão singularidade à obra. A literatura possui a capacidade de dialogar com diferentes públicos e atravessar fronteiras de mídia. A relação entre literatura e outros formatos narrativos, não apenas enriquece a experiência do leitor-espectador, mas também reforça a ideia de que ela pode impactar tanto crianças quanto adultos por meio de sua complexidade temática e estética.

As ilustrações apresentam traços simples, mas expressivos, que evocam a sensação de um conto de fadas tradicional, misturado com elementos contemporâneos. Esse contraste entre o clássico e o moderno reflete a própria narrativa do K-drama, que revisita e subverte os contos de fadas.

Desse modo, a linguagem visual que dialoga com o texto verbal é essencial para compreender a complexidade estética e a narrativa do livro infantil e juvenil contemporâneo. Nesse contexto, o papel dos paratextos adquire relevância, pois insere a obra em um universo expandido de sentidos, em especial quando a origem da narrativa se dá em outro meio, como o audiovisual, como o caso de *Em busca da feição real*, uma produção “transmídia”, cujo termo foi cunhado por Henry Jenkins (2022), na qual a literatura nasceu como parte do universo ficcional do streaming. Tais estratégias encontram especial potência nos diálogos que o verbo e a imagem estabelecem com os contos de fadas clássicos reinterpretados e ressignificados.

Sobre a capa (Fig. 3) de *Em busca da feição real*, ela é impressa com a imagem de três crianças: um menino com uma máscara sorridente no rosto, uma garota com corpo de lata tendo um desenho de um coração na frente, e um garoto com uma caixa tendo um desenho rústico de dois olhos. Além deles há árvores, um galho na mão do menino mascarado tocando uma espécie de mapa, um dinossauro de pelúcia na mão do menino coberto com caixa, um gafanhoto e um sapo próximos às crianças, pertencentes à floresta. Na contracapa (Fig. 3) há a imagem de três crianças sem caixa, máscara e corpo de lata.

EM BUSCA DA FEIÇÃO REAL: PARATEXTOS E TEXTO VERBO-VISUAL NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA DE UM CONTO DE FADA MODERNO SUL-COREANO

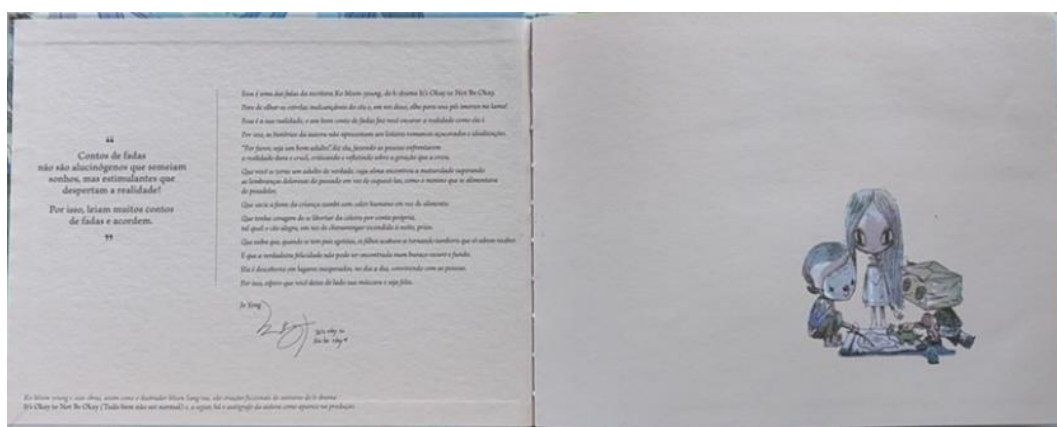
Figura 3 – Capa e contracapa de *Em busca da feição real*



Fonte: Yong, 2021, n. p.

As folhas de guarda da obra (Fig. 4) apresentam elementos paratextuais significativos. Na página direita, observa-se, na primeira coluna, a inscrição “Contos de fadas não são alucinógenos que semeiam sonhos, mas estimulantes que despertam a realidade! Por isso, leiam muitos contos de fadas e acordem.”, a qual estabelece um múltiplo diálogo com a narrativa e com a minissérie, pois é assinada pela protagonista escritora ficcional, funcionando como um elo interpretativo entre os paratextos e a construção de sentidos do texto literário e intermidial. Ainda na página direita, na segunda coluna, encontra-se o prefácio da autora, disposto de maneira a otimizar o espaço gráfico, em contraste com a organização convencional que o situaria nas páginas subsequentes à folha de rosto, conforme observado em outras obras.

Figura 4 – Folhas de guarda das capas

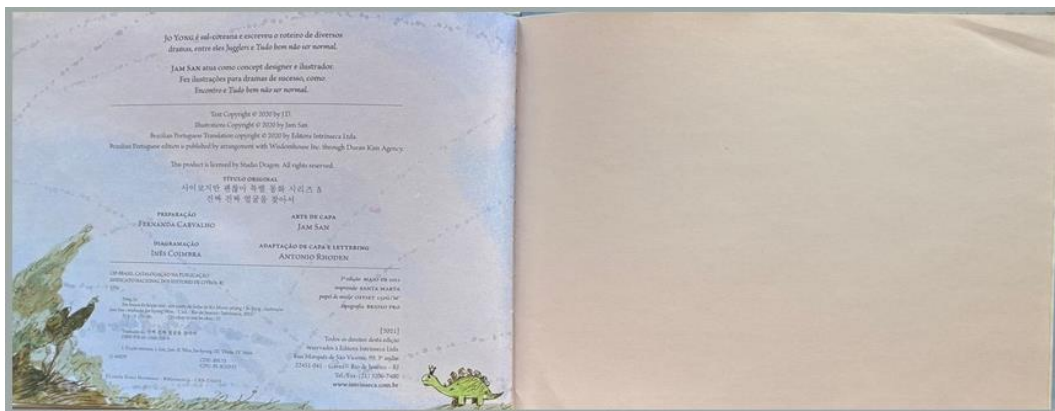


Fonte: Yong, 2021, n. p.

Na página da esquerda (Fig. 4), por sua vez, apresenta-se a ilustração das três crianças, semelhante àquela presente na capa, porém desprovida dos elementos de fundo anteriormente exibidos. Essa mesma imagem será repetida na folha de guarda da contracapa, embora a página da lateral não terá o texto autoral e a citação atribuída ao roteiro da personagem da minissérie, formando uma página “em branco”.

EM BUSCA DA FEIÇÃO REAL: PARATEXTOS E TEXTO VERBO-VISUAL NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA DE UM CONTO DE FADA MODERNO SUL-COREANO

Figura 5 – Ficha catalográfica



Fonte: Yong, 2021, n. p.

Na página anterior da contracapa (do lado direito) da folha de guarda está a Ficha catalográfica com as informações sobre a edição brasileira e os direitos de copyright da versão sul-coreana (Fig. 5). Através da jornada do livro, o leitor é conduzido por uma narrativa que entrelaça traumas pessoais com metáforas visuais e textuais profundamente simbólicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, percebe-se que o diálogo entre as palavras e as figuras, expressas em paratextos, materialidades e texto, se reinventam em diferentes mídias e contextos, mantêm-se vivos justamente por dialogarem com questões universais da condição humana. Ao unir o real e o imaginário, essas narrativas oferecem ao leitor não apenas entretenimento, mas também um espaço simbólico de reflexão sobre sentimentos e processos de amadurecimento. Na obra *Em busca da feição real*, essa tradição é atualizada por meio de uma jornada que revela a importância do autoconhecimento e da aceitação de si. Assim, confirma-se que tais histórias permanecem significativas em qualquer idade, pois acompanham o leitor em diferentes fases da vida, ressignificando experiências e convidando-o a revisitar, com novos olhares, as mesmas perguntas essenciais sobre quem são e quem podem se tornar.

Por fim, os resultados obtidos contribuem para o campo dos estudos da literatura infantil ao evidenciar como a materialidade visual do livro pode atuar na construção de narrativas identitárias e emocionais. A articulação entre estética, narrativa e recepção demonstra que o livro ilustrado contemporâneo se configura como um objeto complexo, no qual texto e imagem operam conjuntamente na produção de significado, ampliando as possibilidades interpretativas e fortalecendo seu valor artístico e formativo.

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**: símbolos - mitos - arquétipos. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

GENETTE, Gerard. **Paratextos Editoriais**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2009.

GIRÃO, Luís Carlos. Uma história breve do livro ilustrado na breve história da literatura infantil da Coreia. In: CUNHA, Maria Zilda da; GARCIA, André Luiz Ming (Org). **Imagens em migrações poéticas** [recurso eletrônico]: miradas potenciais. São Paulo: FFLCH/USP, 2021. p. 123-134. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/712/633/2360>. Acesso em: 10 jul. 2025.

GIRÃO, Luis Carlos; CARDOSO, Elizabeth. O livro enquanto objeto na literatura infantil: um panorama crítico. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 19, n. 34, ago./dez. 2018. p. 97-122. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/issue/view/78>. Acesso em: 15 out. 2025.

IM, Yun Jung; GIRÃO, Luis Carlos; BALIEIRO, Martina Guessi. A recepção da literatura ilustrada infantil coreana no Brasil. **Miscelânea**, Assis, v. 32, jul-dez. 2022. p. 421-445. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/2411> . Acesso em: 14 jul. 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura de convergência**. São Paulo: Aleph, 2022.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: SESI-SP, 2018.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. **Livro infantil ilustrado**: a arte da narrativa visual. São Paulo: Rosari, 2013.

YONG, Jo. **Em busca da feição real**: um conto de fadas de Ko Moon-young. Ilustrações por Jam San. Tradução Jae Hyung Woo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.